

## Mais textos para a produción de Murguia em língua galega: o seu romanceiro apócrifo

**José Luís Forneiro Pérez**

### Formas de citación recomendadas

#### 1 | Por referencia a esta publicación electrónica\*

FORNEIRO PÉREZ, JOSÉ LUÍS (2011 [2001]). “Mais textos para a produción de Murguia em língua galega: o seu romanceiro apócrifo”. *Congreso sobre Manuel Murguía*. Santiago de Compostela: Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo da Xunta de Galicia, 169-188. Re-edición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/164>>.

#### 2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO PÉREZ, JOSÉ LUÍS (2001). “Mais textos para a produción de Murguia em língua galega: o seu romanceiro apócrifo”. *Congreso sobre Manuel Murguía*. Santiago de Compostela: Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo da Xunta de Galicia, 169-188.

\* Edición dispoñíbel desde o 9 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

## MAIS TEXTOS PARA A PRODUÇÃO DE MURGUIA EM LÍNGUA GALEGA: O SEU ROMANCEIRO APÓCRIFO

José Luís Forneiro Pérez

Universidade de Santiago de Compostela

A Real Academia Galega decidiu dedicar o Dia das Letras do presente ano 2000 a Manuel Martínez Murguía nem tanto pela sua produção na língua do país, pouca e de escasso valor literário, como pela sua importância na elaboração do *facto diferencial galego*. A figura de Murguía é básica na Galiza contemporânea não só por ter animado a escrita em língua galega de Rosalía de Castro, e por ter presidido a Real Academia Galega, mas também por ter sido o principal teorizador do regionalismo galego, hoje nacionalismo, cujos efeitos *regeneracionistas* na sociedade galega dos dois últimos séculos ficam, em nossa opinião, fora de causa. Se o nacionalismo galego actual tem, em geral, um carácter laico e progressista, isto responde em parte à desafeição da Igreja pela língua e pela cultura autóctones, e principalmente ao liberalismo progressista de Murguía que seria recolhido no nosso século por Castela, de quem também se comemora neste ano o quinquagésimo aniversário do seu falecimento.

Sem dúvida, o liberalismo em termos políticos e certo positivismo no campo da ciência histórica foram os melhores contributos de Manuel Murguía para a política e a cultura galega contemporâneas. No entanto, tem-se assinalado que a visão orgânico-historicista da nação de Murguía era a mesma que a do regionalismo conservador [170] (neostamental, corporativista e filocarlista) de Alfredo Brañas<sup>1</sup>. Por isso Vicente Risco, o principal teórico do galeguismo conservador do século XX, herdou quase sem dificuldades o conceito murguiano de nação, pois este mal apresentava elementos de carácter liberal<sup>2</sup>. No que se refere ao seu labor histórico e literário, são conhecidas as manipulações e as ocultações que realizou sobre os materiais rosalianos, assim como a arbitrariedade de muitas das suas teorias e asseverações, que careciam de qualquer base documental ou manifestavam uma notável autonomia a respeito dos documentos que manuseava<sup>3</sup>.

No afazer intelectual de Murguía estiveram sempre presentes duas constantes, a segunda consequência da primeira: o seu diferencialismo quanto a Castela e a defesa do celtismo e do arianismo rácico do povo galego. Murguía aderiu à denominada celtomania do seu tempo, que nalguns casos, como no dele mesmo, se transformaria em ariomania<sup>4</sup>, já

<sup>1</sup> Justo G[onzález]. Beramendi, *Vicente Risco no nacionalismo galego. I Das orixes á afirmación plena*, vol I, Santiago de Compostela, Edicións do Cerne, 1981, pp. 45-47 e 55-57.

<sup>2</sup> *Ibid.*, pp. 140-142 e Ramón Máiz, “La construcción teórica de Galicia como nación en el pensamiento de Manuel Murguía”, *Estudios de Historia Social*, núms. 28-29, 1984, p. 145.

<sup>3</sup> Máiz, “La construcción ...”, p. 137.

<sup>4</sup> Sobre os mitos celta e ário como relatos de orixens vid. Jon Juaristi, *El bosque originario*, Madrid, Taurus, 2000, pp. 229-335.

que lhe fornecia uma base relativamente cómoda para sustentar o seu discurso nacionalitário. Uma vez que a Galiza estivera vinculada aos reinos das Astúrias, Leão e Castela na Idade Média e carecera de autonomia política na Idade Moderna, era preciso procurar argumentos diferenciais em épocas remotas; daí que o celtismo das primeiras raças e a monarquia sueva servissem ao autor da *História de Galicia* para afirmar que o povo galego era duplamente ário, pois enriquecera o seu sangue celta com o contributo germânico dos suevos. Este celto-arianismo caracterizaria a raça galaica face ao semitismo que segundo Murguía dava “tono a las provincias de Mediodía”<sup>5</sup>.

Por outro lado, a reivindicação do celto-arianismo do povo galego supunha aproximar a Galiza dos estados mais desenvolvidos da Europa Ocidental, a França, a Grã Bretanha e a Alemanha, para assim combater a marginalização e o desprezo que sofriam os galegos na Espanha do século XIX: um estado pobre e atrasado em que a cultura andaluza (o flamenco e a herança *andalusi*) acabava de identificar-se com a cultura [171] espanhola<sup>6</sup>. Finalmente, devemos lembrar a respeito da celtomania murguiana, que alguns dos historiadores franceses da passada centúria de que Murguía era devedor, por exemplo, Augustin Thierry e Henri Martin, como republicanos liberais, eram “partidários” dos galos (celtas) face aos francos (germânicos), isto é, do povo contra as classes altas opressoras. Portanto, o celtismo francês interessava duplamente a Murguía, pois, por um lado, ligava a Galiza com a França e, por outro, conformava perfeitamente o seu ideário liberal<sup>7</sup>.

Inevitavelmente, o erudito de Arteijo, devido à sua concepção orgânico-essencialista da nação, também recorrerá ao argumento celta ao ocupar-se da língua e da literatura galegas. Assim, tentou *desculpar* a latinidade da língua autóctone reivindicando o contributo celta para o idioma da Galiza; desta maneira, vinculava o galego à família linguística do gaélico ou do bretão, ao mesmo tempo que diferenciava as falas galegas das outras línguas ibero-românicas, principalmente do castelhano. Se destarte, Murguía conseguia, mais ou menos satisfatoriamente, que o idioma próprio fosse um elemento diferencial que se adequava à sua concepção da Galiza como um país céltico, em troca, não lhe foi tão fácil definir e defender com solidez a existência duma literatura galega. A produção literária na língua do país mal começara a andar quando o nosso historiador teorizava sobre a personalidade da Galiza, e a literatura medieval em língua galega que se conhecia nos meados do século passado era reduzida; só mais tarde, graças aos materiais e informações sobre a lírica galego-portuguesa que o polígrafo português Teófilo Braga, editor do *Cancioneiro da Vaticana*, forneceu a Murguía e a António de la Iglésia principiou a ter-se consciência

<sup>5</sup> Manuel Murguía, “Poesía popular gallega”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 2, 18/1/1881, p. 17.

<sup>6</sup> Sobre esta nova identidade nacional e sobre a participação dos escritores estrangeiros na sua criação vid., por exemplo, Félix de Azúa, “El mito de la Andalucía romántica”, *El aprendizaje de la decepción*, (selección de J. A. González Sáinz), Barcelona, Anagrama, 1996 (1a ed. Separata, 1981), e Gerhard Steingesse, “El cante flamenco como manifestación artística, instrumento ideológico y elemento de la identidad cultural andaluza”, em *Flamenco y nacionalismo. Aportaciones para una sociología política del flamenco*, (eds. Gerhard Steingesse e Enrique Baltanás), Sevilla, Fundación Machado-Universidad de Sevilla-Fundación El Monte, 1998, pp. 21-41.

<sup>7</sup> Com o passar dos anos Murguía acentuaria o seu nacionalismo celtista ao mesmo tempo que abrandava o seu liberalismo político (Xusto G. Beramendi, *Manuel Murguía*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2000<sup>2</sup>, p. 41), consequência deste processo ideológico é o lamentável manifesto anti-semita que Murguía lançou contra Castelar e por extensão contra os andaluzes no famoso Discurso dos Jogos Florais de Tui de 1891 (*La Patria Gallega*, 15/7/1891, pp. 4-6). Sobre as razões deste ataque racista vid. Xesús Alonso Montero, “Murguía en dúas revistas. Prólogo á edición facsímile de *La Patria Gallega* (15-7-1891) e do *Boletín de la Real Academia Gallega* (20-11-1906)”, Santiago de Compostela, Departamento de Filoloxía Galega da Universidade, 2000, pp. 11-12 e José Antonio Durán, “Murguía versus Castelar (con Paz Novoa ó fondo)”, *Conflictos e tenruras de Manuel Murguía*, Madrid, Taller de edicións de J. A. Durán, 1999, pp. 199-207.

na Galiza da dimensão e da importância da literatura [172] antiga. Dada a pobreza de textos literários antigos e modernos em língua galega, Manuel Murguía recorreu, para definir a literatura galega a uma série de características que segundo ele eram próprias das raças celtas: a suavidade, a singeleza, a harmonia, a espontaneidade, o gosto pelo indeterminado, a melancolia, a doçura, o amor à terra, o sentimento religioso, a tendência para o sobrenatural, o fantástico e o maravilhoso, etc.<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo, Murguía pedia para a literatura de tradição oral, o mesmo *status* de que gozavam as obras literárias cultas. Tal reivindicação baseava-se em diversas premissas: em primeiro lugar a que se pressupunha que as literaturas orais precediam as literaturas escritas em línguas romances, testemunhadas apenas desde a Baixa Idade Média; conseqüentemente, a literatura de transmissão oral devia na opinião do nosso autor possuir um prestígio maior por ser mais antiga e por reflectir crenças e hábitos pré-cristãos, no caso galego, celtas. Além disso, a riqueza da literatura popular compensava a pobreza da literatura galega culta na Idade Contemporânea, supria a sua carência na Idade Moderna<sup>9</sup>, e significava o elo que ligava a recém descoberta cantiga de amigo medieval com a lírica de tradição oral em que se inspirara Rosalia de Castro para compor os seus *Cantares Gallegos*.

De entre os diversos géneros da literatura oral Manuel Murguía dedicou especial atenção à narrativa, em particular ao romanceiro, tendo-se convertido no seu principal recolector e estudioso da Galiza do século XIX. Na primeira dos volumes de *Historia de Galicia* negou a existência desse género em terras galegas:

Aquí, en este país, en donde abundan las leyendas, donde los cuentos rebosan gracia y donaire, y en donde se cultiva el apólogo, puede decirse que carecemos del verdadero romance, como si quisiese decir de esta manera nuestro pueblo que algo de profundo e insuperable le separa del resto de la nación. No conocemos tan completamente como es necesario la poesía popular, ni tenemos en esto a que atenernos, mas que a las propias y escasas observaciones; pero podemos asegurar que no se conoce en Galicia el romance, a no ser que tengamos por tales, algunos trozos de cortas dimensiones, en los cuales, se rompe a menudo la repetición del asonante, como si repugnara a nuestro oído. [...] Nosotros podemos decir, que, a pesar del empeño que en ello hemos puesto, nos ha sido imposible adquirir en gallego un romance de regulares dimensiones. [...] Algunos [173] hemos hallado en idioma castellano; pero ¿quién puede asegurar que no son importados de Castilla?<sup>10</sup>

Na segunda metade do século passado Murguía não podia saber que o romanceiro é um género transmitido por informantes mais especializados dentro do âmbito da cultura tradicional, e também não podia conceber, do seu *apriorismo* celtista, que os camponeses galegos conservassem no seu acervo literário composições em língua castelhana ou vindas de Castela. Por tudo isto, a caracterização da literatura popular resultou para Murguía ainda mais problemática que a definição da literatura galega culta<sup>11</sup>. Mas, a incontestável realidade de um romanceiro de origem e de língua castelhanas na Galiza não evitou que,

<sup>8</sup> Ana Belén Fortes, “O proxecto de creación dunha literatura galega en Murguía”, em *Volver a Manuel Murguía*, “A Nosa Cultura 19”, Vigo, A Nosa Terra, 1998, p. 27.

<sup>9</sup> Este é um lugar comum da maioria, para não dizer todas, das histórias da literatura galega. Situar a literatura de tradição oral neste período histórico é ignorar que este tipo de literatura existiu antes e depois dos chamados *Séculos Escuros*.

<sup>10</sup> Manuel Murguía, *Historia de Galicia*, vol. I, Lugo, 1865, p. 256.

<sup>11</sup> Difiro, portanto, do parecer de Belén Fortes a este respeito: “a definición de literatura galega non resultaba problemática mentres se basease na literatura popular porque *corpus* literario e identidade étnica se homologaban perfectamente, o que explicaría, aínda que de forma intuitiva, a insistencia de Murguía sobre este asunto” (Belén Fortes, *Manuel Murguía e a cultura galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, 2000, p. 81).

poucos anos mais tarde, mudasse totalmente a sua opinião a respeito da vitalidade do romance em terras galegas, mantendo, sempre, a sua atitude diferencial relativamente ao centro da Península.

A partir de Julho de 1878 Murguía anuncia nas páginas de *La Ilustración de Galicia y Asturias*<sup>12</sup>, e depois em *La Ilustración Gallega y Asturiana*<sup>13</sup>, o iminente lançamento das suas *Rimas populares de Galicia*, obra destinada ao estudo da literatura popular da Galiza onde apareceriam interessantísimas amostras da literatura tradicional, principalmente [174] romances<sup>14</sup>, que demonstravam quer a riqueza da tradição oral galega, quer a sobrevivência das crenças das velhas raças. Esta mudança radical de Murguía a respeito da conservação do romanceiro em terras da Galiza deveu-se a vários factores. Em primeiro lugar, o conceituado filólogo catalão Manuel Milà i Fontanals publicara em 1877 um artigo intitulado “De la poesía popular de Galicia”, em que se incluíam vários temas romancísticos (alguns dos quais facilitado pelo próprio Murguía), que o levaram a pôr em causa a afirmação murguiana da quase inexistência do romanceiro na Galiza:

Si juzgamos por las muestras que hemos reunido, no abundan en Galicia; mas no por esto admitimos que haya en este pueblo una repugnancia innata hacia un género tan natural y difundido. Acaso se introdujeron o se compusieron en Galicia en menor número que en Portugal y Asturias, pero basta para explicar la actual carestía la decadencia del espíritu tradicional y la mayor afición a otros géneros más enlazados con la música y la danza<sup>15</sup>.

Anos mais tarde, na segunda edição da sua *Historia de Galicia* (1901) Murguía manifestava-se assim a respeito das palavras de Milà:

Dos años después de publicado el trabajo del sr. Milà una dichosa e inesperada casualidad nos concedió la fortuna de ver de una manera indubitable, que no sólo habíamos poseído un copioso romancero, sino que aun se conservaban de él preciosas reliquias, y lo que es más importante, que era posible probar que en más de una ocasión se había apartado el poeta popular, por el fondo y la forma, del tipo corriente del romance peninsular, dándonos verdaderas baladas<sup>16</sup>.

Mas o novo parecer de Murguía sobre a existência do romanceiro na Galiza deveu-se mais ao influência doutros estudiosos que ao trabalho publicado por Milà. Sem dúvida, foi determinante nesta nova atitude a publicação de Teófilo Braga em 1867 do *Romanceiro*

<sup>12</sup> “*Rimas populares de Galicia*, precedidas de un estudio acerca de la poesía popular gallega. Un volumen en 4º. Este notable libro, el primero en su clase que se publica en Galicia, está destinado a llamar la atención de cuantos se dedican al estudio de la literatura popular. La obra que se anuncia dará a conocer una de las más interesantes, más curiosas y desconocidas fases de nuestra historia literaria, conservará las escasas reliquias de la poesía popular gallega, prestando así un verdadero servicio a su país y dará el principio en Galicia a una serie de trabajos completamente desconocidos entre nosotros” *apud* Jesús Antonio Cid, “Nacionalismo y poesía popular. Manuel Murguía y la invención de un Romancero gallego apócrifo”, artículo inédito que nos foi disponibilizado pelo autor em 1995, p. 18.

<sup>13</sup> “En el estudio que debe preceder a la colección de *Rimas populares de Galicia*, que verá pronto la luz pública, trataremos todos estos asuntos con la mayor extensión. En él presentaremos reunidos cuantos datos hemos podido allegar acerca de tan interesante materia, una de las más curiosas y desconocidas, de cuantas puedan ocupar la atención de los eruditos gallegos” (Manuel Murguía, “La leyenda en Galicia”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 2, 20/IV/1879, p. 125); o anúncio repete-se nos artigos dedicados à literatura de tradição oral que don Manuel publicou nesta revista.

<sup>14</sup> Manuel Murguía, “Poesía...”, p. 17 e “El Folk-lore gallego”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 30, t. III, 28/X/1881, pp. 352-353.

<sup>15</sup> Manuel Milà i Fontanals, “De la poesía popular gallega”, *Romania*, nº 6, 1877, p. 52.

<sup>16</sup> Manuel Murguía, *Historia de Galicia*, t. I, Corunha, Librería Eugenio Carré, 1901<sup>2</sup>, p. 298.

*Geral Coligido da Tradição*<sup>17</sup>, já que, nesta obra Braga oferecia um numeroso *corpus* de romances obtido em data recente (alguns dos temas eram conhecidos pelo próprio Murguia) em que apareciam versões das províncias limítrofes com a Galiza. Portanto, se o [175] romanceiro ainda estava tão vivo em Portugal (nação filha da Galiza, conforme com o lugar comum formulado por Murguia), não podia defender-se que a carência do romanceiro fosse um elemento diferenciador da cultura galega. O trabalho de Braga também obrigou Murguia a assumir que “en los romances predomina la influencia castellana sobre la portuguesa”<sup>18</sup>, mas apesar deste reconhecimento Murguia não renunciou aos seus *apriorismos* ideológicos. Para ele o romanceiro galego, além de ser constituído pelo elemento castelhano, era composto pelas baladas chegadas na época medieval da Alemanha, Inglaterra e sobretudo do sul da França através do Caminho de Santiago, e por um fundo mais antigo, e conseqüentemente mais interessante e valioso, de cantos narrativos de origem celta e sueva. Murguia chegara, inclusive, a defender que os romances que não sofreram influências alheias estavam compostos em metro hexassilábico (o mesmo metro que o polígrafo português Teófilo Braga encontrara num poema de Joam Arias no *Cancioneiro da Vaticana*)<sup>19</sup> face ao octossilabismo predominante no romanceiro de procedência castelhana.

Uma vez que o romanceiro estava muito vivo em Portugal e dada a repercussão que tiveram na Europa do Romantismo duas das obras mais destacadas da falsificação da balada tradicional —os *Cantos de Ossian* de James Macpherson e os *Barzaz Breiz-Chants Populaires de la Bretagne* de Hersart de La Villemarqué<sup>20</sup> — Murguia não podia prescindir, para a sua teorização da nação galega, de um género literário folclórico, que não só gozava de boa saúde em Portugal, mas que também relacionava a Galiza com a literatura tradicional de duas nações irmãs de raça, e, em consequência, de cultura: a Escócia e a Bretanha.

Uma rectificação tão radical a respeito da existência do romance em terras galegas precisava de um espectacular descobrimento. Enquanto o modelo de Murguia, o falsário bretão La Villemarqué, “descobre” raros tesouros da balada do seu país por via materna, o erudito galego acede à riqueza e à singular personalidade de romanceiro da sua terra não pela mãe, que era basca, mas sim graças aos seus filhos mais queridos: Alexandra e [176] Ovidio<sup>21</sup>. Murguia oferece duas versões muito diferentes do achado da canção narrativa tradicional galega: conforme a primeira tê-la-ia descoberto através de uma criada do seu filho Ovídio; segundo a outra foi graças a sua filha Alexandra, que, com seis anos de idade, lhe transmitiu em Santiago os primeiros romances, e anos depois, em Coimbra, após a leitura do *Romanceiro* de Braga, fazendo com que Murguia reparasse na extraordinária riqueza do romanceiro galego<sup>22</sup>.

Se o simples facto de haver duas narrações diferentes de uma descoberta tão importante é já de si suspeito, mais estranha é a contradição nos dados das duas versões. Enquanto

<sup>17</sup> Dois anos mais tarde o erudito português daria a lume os *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*.

<sup>18</sup> “El Folk-lore gallego”, p. 352.

<sup>19</sup> *Ibid.* Murguia estabeleceu, deste modo, que os romances galegos mais *enxebres* foram compostos em versos de seis sílabas, depois que admitira a indubitável influência do romanceiro castelhano. O recurso ao hexassilabismo de alguns temas romancísticos era um novo argumento diferencialista com base, agora, na lírica medieval galego-portuguesa recém descoberta.

<sup>20</sup> Segundo a estudiosa Nicole Bondue Murguia era amigo do celtista bretão La Villemarqué (*El granito y las luces. Relaciones entre las literaturas gallega y francesa en la época contemporánea*, vol. I, Vigo, Edicións Xerais, 1987, pp. 85-86).

<sup>21</sup> Xosé Ramón Barreiro Fernández, “Luces e sombras dunha vida”, em «Murguia, o patriarca. Suplemento Especial Día das Letras Galegas», *La Voz de Galicia*, 14/V/2000, p. 3.

<sup>22</sup> Murguia, “El Folk-Lore ...”, p. 352.

a descoberta do romanceiro através de Alexandra coincide mais ou menos com o ano em que Murguía diz que se produziu a revelação, 1879 (dois anos depois do artigo de Milà<sup>23</sup>), a versão do descobrimento graças à ama de Ovidio deve ter ocorrido vários anos antes, já que este filho de Murguía nascera em 1871, ano em que supostamente obtivera o romance de *Dama Gelda* duma camponesa de Pontedeume que amamentara Ovidio, segundo confessara ao arqueólogo Federico Maciñeira<sup>24</sup>.

Para além disto, é também muito estranho que Alexandra, uma rapariga de seis anos, urbana, de classe média e de família culta, pudesse ser uma fonte inesgotável de literatura popular na Galiza do século XIX<sup>25</sup>. Em carta inédita de 1909 a Víctor Said Armesto, Manuel Murguía fazia-lhe saber que a sua filha aprendera em Santiago os romances da mãe de uma criada, ambas originárias do país de Laje. Esta rebuscada explicação tinha como fim fazer Said desistir de procurar poesias narrativas naquela localidade corunhesa<sup>26</sup>. Aliás, a escolha de Laje, não era casual. Para Murguía a área de Fisterra era a [177] zona mais céltica da Galiza e de Laje era a sua família paterna; destarte, Murguía conseguia ligar as suas origens familiares com a região galega mais *enxebre*, compensando, assim, o sangue não galego da sua mãe.

Murguía elaborou deste modo uma teoria sobre a poesia narrativa oral galega vinculada ao seu âmbito familiar e à sua ideologia celtista, que pouco tem a ver com os romances que durante vários séculos têm transmitido e continuam a transmitir as classes populares da Galiza. Somos de opinar, pelo seu elevado grau de falsidade, que o marido de Rosalía de Castro nunca se atreveu a dar à luz pública as suas *Rimas populares de Galicia* reiteradamente anunciadas durante mais de 20 anos. É preciso lembrar que Saco e Arce, morto em 1881, tivera, em geral, uma atitude positivista como estudioso da literatura tradicional e que na década de 80 se constituíra a sociedade *El Folk-Lore Gallego*, cuja presidenta, Emilia Pardo Bazán, no discurso de constituição pedira aos seus membros que respeitassem os textos dos informantes<sup>27</sup>. Por outro lado, o mestre de Murguía nos estudos da balada tradi-

<sup>23</sup> Mas Murguía falou por primeira vez das suas *Rimas* um ano antes (*vid.* nota 12).

<sup>24</sup> Federico Maciñeira, *San Andrés de Teixido. Historia, leyendas y tradiciones*, Corunha, Roel, [1922] *apud* Cid, “Nacionalismo ...”, pp. 16 e 20.

<sup>25</sup> As seguintes palavras de Xosé Ramón Barreiro são muito esclarecedoras sobre a relação afectiva e intelectual de Murguía com a sua primogénita: “Alexandra viviu para Murguía, a súa atención e devoción ó pai parece ser que frustrou o seu casamento con X. Arias Sanjurjo que a amou sempre e que tamém morreu solteiro. Murguía dicía que Alexandra era unha perfecta réplica da súa nai e por iso quixo que as dúas estiveram presentes na dedicatoria que lle fai a Alexandra da obra *El arte en Santiago* (“Luces e sombras...”, p. 3).

<sup>26</sup> “No sé porque se me ocorre que has pensado en tener tu temporada de baños, sobre todo en Laje, porque esperas hallar gran acopio de romances, en vista de los que yo tenía provenientes de dicha localidad. Es posible que hallases algo, pero te advierto que los recogidos por mí, mejor dicho por Alejandra, los obtuvo esta en Santiago hacia el 1865 y 66, de una vieja de cerca de ochenta años, natural de aquella población (Laje). Esta vieja era madre de una criada que teníamos y la mandaban con Alejandra a paseo y ella se iba a ver a su madre, quien por entretener a la chiquilla, le recitaba los citados romances” (Carta enviada da Corunha para Leão, onde naquela altura morava Víctor Said. Podemos consultar o texto, bem como o resto do legado deste erudito pontevedrés graças à generosidade da Fundación “Pedro Barrié de la Maza”, onde se encontra depositada esta interessantíssima documentação. Agradecemos mais uma vez as facilidades dadas para as nossas consultas).

<sup>27</sup> *Apud* Joaquín Rodríguez Campos, “Institución e identidade cultural na etnografía galega decimonónica” em *Actas do Simposio Internacional de Antropoloxía. Identidade e territorio. Centenario Otero Pedrayo*, Corunha, Consello da Cultura Galega, 1990, p. 191. Mas nem sempre os estudiosos de *El Folk-Lore Gallego* mantiveram uma atitude plenamente científica *vid.* ao respeito José Luís Forneiro Pérez, “José Pérez Ballesteros e o romanceiro tradicional galego”, em *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe a Xesús Alonso Montero*, Santiago de Compostela, Dto. de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago, 1999. Do outro lado, é muito provável que o trabalho de recolha realizado pelo prestigioso Said Armesto durante a primeira década deste século também fizesse Murguía desistir de dar a lume as *Rimas populares de Galicia*.

cional, o falsário bretão La Villemarqué, fora posto em causa a partir de 1867, uma vez que se comprovou que os seus textos nem sempre eram autênticos<sup>28</sup>. Neste contexto intelectual, o *Patriarca* teve que renunciar à publicação de uma obra tão querida para ele como as *Rimas* porque dificilmente as suas teorias e os seus textos podiam ter tido credibilidade naquela altura. Para justificar a não edição desta obra, que anunciou tantas vezes e a que atribuiu uma grande importância para a definição da cultura galega, Murguía [178] fez circular duas versões: segundo a primeira delas não encontrara editor. Foi esta a escusa que comunicou a Said Armesto numa carta inédita datada de 1903 e, esta versão também foi a que ofereceu Lois Carré Alvarellos em 1959<sup>29</sup>. No entanto custa a crer que Murguía, dado o seu prestígio na Galiza do seu tempo, não conseguisse encontrar uma editora<sup>30</sup> e sobretudo, porque outras obras suas de menor interesse para o conhecimento da identidade do país foram editadas após o anúncio das suas *Rimas populares de Galicia*<sup>31</sup>. Conforme a outra versão, a que comunicou a Federico Maciñeira, por volta de 1910, a sua colectânea de textos literários tradicionais ter-se-ia extraviado. Sabemos que isso, não foi, pelo menos totalmente, verdade, pois até à década de 80 podiam ser consultados na Real Academia Galega romances pertencentes à colecção de Murguía<sup>32</sup>, e porque o marido de Rosalia enviou boa parte do seu romanceiro ao seu amigo Víctor Said Armesto<sup>33</sup>, que morreria em 1914.

O professor Jesús Antonio Cid, um dos maiores especialistas na balada pan-europeia, no romanceiro pan-hispânico e no romanceiro galego, classificou os materiais romancísticos éditos e inéditos de Manuel Murguía em cinco grupos de acordo com a autenticidade dos textos e com a maior ou menor intervenção do polígrafo de Arteijo neles<sup>34</sup>:

- a) Composições tradicionais recolhidas por Murguía ou no seu círculo familiar.
- b) Composições tradicionais fornecidas por diversos colaboradores.
- c) *Pastiches*, elaborados por Murguía, inspirados em textos tradicionais.
- d) Invenções absolutas, atribuíveis a Murguía, de supostos romances tradicionais. [179]
- e) Invenções absolutas, elaboradas por diversos autores, acolhidas na colecção de Murguía.

Julgamos ser evidente que os textos integrados nos três últimos grupos deveriam deixar de ser considerados como amostras da tradição oral para se integrarem na história da literatura galega culta ou de autor; no caso das composições dos grupos *c* e *d* passariam a fazer parte da produção murguiana em língua galega. A respeito dos romances do grupo *c*, as composições elaboradas com base nos textos tradicionais, não se pode esquecer que existem ilustres amostras na literatura galega oitocentista que beberam de composições inspiradas em textos populares como os *Cantares Gallegos* de Rosalia ou *A Virxe de Cristal* de Curros Enríquez. No que se refere aos textos do grupo *d*, os *pastiches* murguianos

<sup>28</sup> Sobre a polémica obra de La Villemarqué vid. Fañch Postic, “Le Beau ou le Vrai ou la difficile naissance en Bretagne et en France d’une science nouvelle: la littérature orale (1886-1868)”, *Estudos de Literatura Oral*, nº 3, Universidade do Algarve, 1997, pp. 97-124). Não se esqueça, que muito antes foram postos em causa pelo célebre Doctor Johnson os Cantos de Ossian (vid. Juaristi, *El bosque...*, p. 259-269). <sup>29</sup> Em *Romanceiro Popular Galego de Tradizón Oral*, Porto, Junta de Província do Douro Litoral. Comissão de Etnografia e História, XVII, 1959, p. 8.

<sup>30</sup> Segundo o *Boletín Bibliográfico de la Librería Gallega* as *Rimas* estavam no prelo em 1895 *apud* Carré, *Romanceiro...*, pp. 7 e 10.

<sup>31</sup> Cid, “Nacionalismo...”, p. 15.

<sup>32</sup> Cid, “Nacionalismo...”, p. 16. J. Antonio Cid pôde consultar na Real Academia Galega no Verão de 1985 alguns dos materiais romancísticos de Murguía pertencentes ao legado de Juan Naya, durante muitos anos bibliotecário da dita instituição.

<sup>33</sup> Como pudemos comprovar, eu e J. Antonio Cid, no Verão de 1998 na Fundación “Pedro Barrié de la Maza”.

<sup>34</sup> Cid, “Nacionalismo...”, pp. 22-23.

carentes de qualquer apoio real, bem poderiam acompanhar obras da literatura galega contemporânea como *Afrenta, daga e venera* (1883) de Benito Losada, uma lenda de assunto cavaleiresco que se dizia inspirada na tradição folclórica, ou o *Cancioneiro de Monfero* (1953) suposto achado da antiga lírica galego-portuguesa com o qual José Maria Alvarez Blázquez conseguiu enganar alguns estudiosos na matéria.

Dentro do grupo de romances compostos por Murguia sobre uma base tradicional encontrar-se-iam<sup>35</sup>: *Gerinaldo, As fillas de Ferino (Las hijas de Merino), Rosalinda (Galharda), Dona Eusenda (A Infanta Parida+O Conde Claros em Hábito de Frade), Doncela Guerreira, Delgadinha (duas versões), A Flor da Água, As Senhas do Esposo e A Infantina+O Cabaleiro Burlado*. As invenções absolutas devidas à pluma de Murguia seriam<sup>36</sup>: *Gaiferos de Mormaltán, Margarida Rosa, Marina e o conde de Andrade, Os mouros atacan Padrón, Decídeme, meu fidalgo, Despedida de Amaro Beira da Silva, Nascimento do Sol, Nascimento da Lua, Regreso do soldado, Camariñas, Camariñas, Dama Gelda, A fada fadiña, O conde Alarcos e a muradana, Día de San Xoán Alegre, A Virxe de San Breixo e O infante farol*<sup>37</sup>.

No total são 26 textos, três deles fragmentários: *Nascimento do Sol, Nascimento da Lua e Regreso do soldado*<sup>38</sup>. Os investigadores do romanceiro, em concreto do romanceiro [180] galego, são capazes de reconhecer a falsidade destes textos apoiando-se no confronto com as tradições dos países ibéricos de língua não castelhana e com as versões romancísticas autênticas obtidas da tradição oral galega. Assim, a origem castelhana deste género da literatura oral explica que tão só exista um tema autóctone no romanceiro português, e que ainda se conservem castelhanismos nos romances lusitanos; mesmo hoje, existem versões em castelhano ou bilingues na tradição romancística de Portugal. Nos países de língua catalã, junto ao maioritário elemento castelhano, existem temas autóctones e temas importados da França; enquanto o bilinguismo predomina nos romances vindos de Castela, a língua castelhana também penetra nos temas autóctones e nos franceses. As áreas de falas leonesas carecem de temas próprios e oferecem um monolinguismo quase absoluto em castelhano. A falta de temas próprios na tradição da Galiza e a reduzida participação da língua galega nos romances evidenciam o carácter apócrifo dos textos murguianos, por só terem sido “recolhidos” pelo marido de Rosalia e por se apresentarem num monolinguismo galego quase total.

Para além de tudo isto, os romances compostos ou arrançados por Murguia apresentam uma série de características que os denunciam como textos alheios ao estilo do romanceiro tradicional.

<sup>35</sup> Cid, “Nacionalismo...”, pp. 25-36.

<sup>36</sup> Cid, “Nacionalismo...”, pp. 51-62.

<sup>37</sup> Este tema, “comunicado” por Alexandra Murguía encontra-se nos materiais murguianos que fazem parte do legado de Víctor Said. O texto foi publicado pela primeira vez no livro de V. Said Armesto, *Poesía Popular Gallega*, Corunha, Fundación “Pedro Barrié de la Maza”, 1998, p. 262.

<sup>38</sup> As duas *Delgadinhos* não são mais que dois estados de manipulação das versões tradicionais de que partiu o *Patriarca* (Cid, “Nacionalismo...”, p. 53).

## 1) A lingua

Nos romances de Murguía quase não aparecem castelhanismos e estes provavelmente devem-se mais à escassa competência do nosso autor na língua do país<sup>39</sup> do que a um intuito de dar certa autenticidade linguística aos textos. Por outro lado, esta língua galega revela fenómenos estranhos ou incorrectos. Encontramos por exemplo, *eiquí* por *aquí* nunha versión de Santiago, ou *coor* por *cor*, *coural* por *coral*, etc; assim como numerosas vozes inexistentes nos romances galegos autênticos, e mesmo na língua coloquial (*bisarmas*, *celobre*, *gazos*, *raparigas*, *sabencia*, *ciúmes*, *enxurrada*, *meiga*, *sabencia*, *anxo*, etc).

## [181] 2) O estilo

O discurso do romancero tradicional possui um estilo muito singular que permite que aos investigadores deste género reconhecerem com maior ou menor facilidade os textos manipulados ou apócrifos. Esta poética, caracterizada pela economia expositiva e pelo carácter dramático do relato, que faz com que o diálogo predomine sobre a narração, foi assim definida pelo professor Giuseppe Di Stefano:

A esta voluntad estilística de la masa, que considera patrimonio común la obra, que acoge y transmite arreglándola a sus propios gustos, se atribuye, sobre todo, una labor de simplificación respecto a la sintaxis (la oración paratáctica sustituye la hipotáctica, prefiriéndose la yuxtaposición a la subordinación); respecto al vocabulario y, en particular, a la adjetivación, que se reduce a lo esencial y más común; y respecto a la estructura expositiva, que se ve despojada de lo accesorio y tiende a circunscribirse al diálogo<sup>40</sup>.

Este discurso directo aparece em muitas ocasiões sem estar precedido por frases introdutórias ou verbos *dicendi* para indicar quem participa no diálogo, com o qual as narrações e as descrições são raras e concisas. Assim, nos versos iniciais de *Rosalinda* (composição inspirada no romance da *Gallarda*) e num fragmento central de *Dama Gelda* (poema inventado) encontram-se numerosos traços alheios ao estilo do romance tradicional:

-Rosalinda, Rosalinda, nena de longos cabelos,  
ollos negros coma noite de sentimentos mais negros.  
Anque morena e fermosa a nena dos ollos negros,  
mais ten o corazón duro coma as pedras do quinteiro.  
-Con todo eso, Rosalinda, Rosalinda non che temo.-  
Quen desta sorte falaba era un garrido mancebo,  
vestía espada no cinto e capa de terciopelo.  
Rosalinda que o mirou díxolle de modo meigo:  
-Subide vós, meu amigo, subide non teñás medo.

-”E cousa de encantamento” respondeu a dama Gelda.  
Depois no medio da estrada fixo unha roda pequena;  
mandoulle coller a Saura unha ponla da silveira.

<sup>39</sup> Sobre os hábitos linguísticos de Murguía *vid* o testemunho de Veritas, boémio libertário padronês e primo de Rosalia de Castro (*Veritas* (José de la Hermida), “El regionalismo y el nacionalismo en Galicia”, *El Motín*, Madrid, nº 8, 25/II/1909 *apud* Jose António Durán, *Crónicas, I. Entre el anarquismo agrario y el librepensamiento*, Madrid, Akal, 1977, pp. 290-291.

<sup>40</sup> Giuseppe Di Stefano, *El romancero*, Madrid, Narcea, 1979<sup>2</sup>, pp. 41-42.

-Preséntate Aldonza Camba, vén, desencanta a Zulema.  
Cando falou de esta sorte a dama Gelda María,  
[182] co aquel seu mirar celobre e aquela triste sursisa  
parece o anxel da vinganza que a inocencia defendía:  
falou cunha voz de trono que respetos lle metía,  
e anque é meiga, Aldonza Camba, presto á cancela acodía.

### 3) *A sensibilidade e a estética não tradicionais*

Nos romances apócrifos de Murguía aparecen motivos ou ideas estranhas ao romanceiro da tradición oral moderna como a menção aos ollos que é quase inexistente nos romances galegos, no entanto, *don* Manuel detém-se na maioría dos seus textos a descrevê-los, principalmente nos personagens femininos. Sirvam estes exemplos:

ten os ollos negros, dourados cabelos (*Margarida-Rosa*)  
i os seus ollos negros de bágoas se enchían (*Margarida Rosa*)  
ollos gazos, leonados, verdes como auga do mar (*Gaiferos de Mormaltán*)  
dentes pequenos e brancos, ollos negros como adoas (*Gerineldo*)  
ollos negros coma noite de sentimentos mais negros (*Rosalinda*)

Por outra parte, surpreende que o povo mostre uma sensibilidade romântica como no romance *Decídeme, meu fidalgo*, onde o namorado declara que continuará a amar a mulher aínda que esta prefira outro amante:

Que anque vós amárades a outro eu nunca ciúmes tería  
mentres vos me querás algo amándovos morrería

### 4) *A modalidade de relato*

Os romances foram definidos pelo Seminario Menéndez Pidal na sua *Teoría General del Romancero Pan-hispánico* como “segmentos de discurso estruturado que imitan la vida real para representar, fragmentaria y simplificada, los sistemas sociales, económicos e ideológicos del referente y someterlos así a reflexión crítica”<sup>41</sup>. É por isso que o romanceiro tradicional, diferente doutras cancións narrativas como os romances de cego ou os corridos mexicanos, não se limita a contar as historias como acontecidas no pasado, pois o que pretende é reatualizar as acções narradas para assim dar solución ao conflito colocado pelo relato: por exemplo, o amor entre persoas de diferentes classes [183] sociais, as relacións incestuosas, o adulterio, etc. Porém, os romances compostos ou manipulados por Murguía limitam-se a narrar historias ambientadas, na maioría dos textos, numa Idade Média idealizada, cujos protagonistas são nobres, cavaleiros, fidalgos e formosas damas, de improváveis nomes: Beiro da Silva, Berenguela, Gaiferos (em vez do galego-português Gaifeiros) de Mormaltán, etc.

<sup>41</sup> Diego Catalán et alii, *Teoría General y Metodología del Romancero Pan-Hispánico. Catálogo General Descriptivo*, I.A, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1984, p. 19.

### 5) O orgulho patriótico ou local

Em palavras de Menéndez Pelayo: “no hay en todas las naciones cosa menos nacional que su folklore”<sup>42</sup>. Para as gentes imersas na cultura tradicional os romances são exemplos de vida com funcionalidade no seu dia-a-dia e não histórias cheias de sentimento patriótico. Isto explica que na tradição oral moderna pan-ibérica se conservem poemas narrativos baseados na história do imperador franco Carlos Magno; ou que os romanceiristas portugueses transmitam romances da história de Espanha: do Cid, do príncipe don Juan, filho dos Reis Católicos, ou da Batalha de Lepanto, ou que os sefarditas do Oriente sejam os únicos que recordam hoje o romance sobre a morte do rei português Dom Sebastião. Portanto, o patriotismo galego ou local que achamos nalguns dos romances murguianos deve-se a facto de para o marido de Rosalia, o espírito de resistência ser um traço singular das tribos celtas e, portanto, do povo galego<sup>43</sup>. A resistência contra os de fora podemos encontrá-la em *Os mouros atacam Padrón*, onde se invoca o apóstolo Santiago para defender a terra contra os “morenos e feos” invasores, ou em *Camariñas*, *Camariñas* e em *O Infante Farol*, onde os naturais da vila pontevedresa ou os galegos em geral se opõem aos abusos do rei; ou mesmo no romance *O conde Alarcos e a muradana*, no qual uma mulher desta localidade corunhesa mostra o seu orgulho local no escarcéu galante com um garrido e forâneo Conde Alarcos.

### 6) O paganismo cristianizado da raça galega

Murguia referiu-se ou citou muitas vezes os textos das suas *Rimas* para exemplificar como era a religiosidade popular galega, um cristianismo segundo ele muito ligado à [184] natureza e a geografia do país, em que se encontravam numerosos vestígios das crenças e das práticas das culturas célticas e germânicas. Assim, mencionou romances mitológicos, que nunca chegou a publicar na íntegra ligados ao sistema solar, inspirados nas ideias do mitólogo alemão Max Müller<sup>44</sup>; outros como *Dama Gelda*, *A Virxe de San Breixo* ou *Gaijferos de Mormaltán* são amostras das romarias e peregrinações<sup>45</sup>; encontramos seres míticos como fadas (no tema de *Fada fadiña*<sup>46</sup>); seres humanos com poderes sobrenaturais como a meiga que aparece em *Dama Gelda*; ou animais com comportamentos humanos desconhecidos nos romances tradicionais galegos como as andorinhas e as lavadeiras, que lavam a roupa da Mãe de Deus no romance da *Virxe de San Breixo*, ou um melro que dá conselhos a uma rapariga apaixonada em *Margarida Rosa*, um romance “germânico”<sup>47</sup>. Em definitivo, uma atmosfera católico-animista-celtizante estranha ao realismo característico da tradição romancística moderna, de que também participa o romanceiro galego.

<sup>42</sup> Apud Ramón Menéndez Pidal, *Romancero Hispánico*, vol. I, Madrid, Espasa Calpe, 1968<sup>2</sup>, p. 329.

<sup>43</sup> González Beramendi, *Manuel Murguía*, p. 23 e Ramón Villares, “Historiador nacional de Galicia”, em “Murguía, o patriarca. Suplemento Especial Día das Letras Galegas”, *La Voz de Galicia*, 14/V/2000, p. 8.

<sup>44</sup> Cid, “Nacionalismo...”, pp. 12-14.

<sup>45</sup> “La mayor parte de nuestras leyendas nacieron y se conservaron alrededor de los santuarios” (“La leyenda...”, p. 125).

<sup>46</sup> “Obtida” pela irmã de Murguia; Risco desconfiava da autenticidade deste romance (“Etnografía. Cultura Espiritual”, em *História de Galiza*, (dirigida por Otero Pedrayo), Buenos Aires, Ed. Nós, 1962, p. 297.

<sup>47</sup> Manuel Murguía, *Los trovadores gallegos*, Corunha, Imprenta Ferrer, 1905, p.28.

## 7) A métrica

Nos romances tradicionais de todas as áreas linguísticas ibero-românicas predomina o verso octossilábico (segundo o cômputo da língua castelhana) monorrímo e de rima assonante, ainda que outras rimas e outros metros não sejam desconhecidos. Como já adiantámos, Murguía afirmara que os versos mais curtos eram próprios da versificação céltica. Curiosamente, *don Manuel* só empregou os metros mais breves em cinco temas: *Mariana e o conde de Andrade*, *Regreso do soldado*, *Fada fadiña e Margarida Rosa*; destaca neste grupo a ausência de *Dama Geda*, tema supostamente muito antigo aparentado com a *Dame Blanche* celta e com a *Dama Holle* germânica, segundo Murguía. Por outro lado, quase todos estes temas apresentam poliassonância e vários deles como *Dama Gelda*, *Margarida Rosa*, *Mariana e o conde de Andrade*, *Camariñas*, *Camariñas*, *O conde Alarcos e a muradana*, *O infante Farol e Dia de San Xoán Alegre*, introduzem a estrofe, fenómeno raro na velha tradição [185] romancística, cuja incorporação nos romances tradicionais é devida à influência da poesia de cego do século XVII.

Os romances manipulados e inventados por Murguía pouco, no primeiro caso, ou nada, no segundo, nos informam da tradição oral galega do seu tempo, no entanto, muito nos dizem sobre a ideologia do primeiro presidente da Real Academia Galega, nomeadamente a sua competência em termos literários e de conhecimento da língua do país. Num dos últimos trabalhos dedicados ao estudo da obra de Murguía, assinalava-se que como poeta não se distinguiu pelos seus dons para a lírica<sup>48</sup> e este romancero apócrifo confirma esta opinião. Se exceptuarmos apenas o conhecidíssimo *Gaiferos de Mormaltán* (cuja repercussão chegou à onomástica e ao ramo da hotelaria), as operações com que Murguía tentou apagar o autêntico romanceiro galego não passam uma poesia semi-culta de escassa qualidade.

A atitude pouco respeitosa do nosso historiador para com a poesia narrativa de tradição oral não é um caso isolado na cultura europeia. No século passado e nos inícios do presente, este género literário popular foi manipulado de acordo com as ideias políticas, religiosas, culturais e estéticas de não poucos dos estudiosos que se ocuparam da sua recolha, edição e estudo. Porém, em todos os países as manipulações foram devidamente denunciadas. Assim, em Portugal ninguém defende, hoje, as teses de Teófilo Braga sobre o romancero; é também sabido que o bretão La Villemarqué realizou alterações de todo o tipo sobre as baladas do seu povo.

A anormalidade é, portanto, que na Galiza ainda se continue a acreditar nos textos com que Murguía, os seus coevos e seguidores tentaram esconder a verdadeira canção narrativa tradicional galega<sup>49</sup>, uma das manifestações mais importantes do folclore moderno pan-ibérico não só pela riqueza numérica mas também pela qualidade poética dos textos. Se bem que as invenções murguianas nos tenham privado do conhecimento desta realidade galega e ainda que sejam a causa do atraso na investigação neste campo da literatura oral, é obrigatório, porém, reconhecer que nem todo o labor de Murguía neste campo foi negativo. Embora o *Patriarca* reivindicasse a literatura tradicional com uma intenção diferencialista ou com o fim de preencher o vazio dos denominados Séculos Escuros, a sua reivindicação como literatura de pleno direito é, sem dúvida, pertinente. Nos âmbitos cultos ou universitários do mundo ocidental não se costuma apreciar este tipo [186] de literatura,

<sup>48</sup> Fortes, *Manuel Murguía...*, p. 29.

<sup>49</sup> Vid. o capítulo I.2 de José Luís Fornoiro, *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun, Sendoa, 2000.

por preconceitos classistas e, sobretudo, pela incompreensão do fenómeno da tradição literária. A invenção da imprensa nos fins do século XV alterou de tal modo a relação entre os emissores e os receptores das mensagens literárias que na actualidade é-nos difícil compreender como até esse momento os textos, quer escritos, quer orais, não só estavam abertos no nível do significado (como acontece na literatura moderna de autor), mas também no nível do significante. A literatura de tradição oral tem conservado essa dupla abertura, e as suas melhores realizações deveriam gozar de idêntico interesse ao da literatura burguesa, que monopoliza hoje a atenção de professores e historiadores literários.

Por isso mesmo, Murguía acertou ao atribuir grande importância ao romanceiro dentro do acervo literário tradicional da Galiza, pois este género oferece numerosas e importantes informações linguísticas, históricas, antropológicas e etnográficas sobre a cultura popular galega da Idade Moderna e Contemporânea, e, também, porque a beleza que apresentam os mais conseguidos romances desta tradição oral deveria acompanhar as mais notáveis obras da literatura galega: a lírica medieval e as melhores produções poéticas, narrativas e dramáticas dos dois últimos séculos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO MONTERO, XESÚS: “Murguía en dúas revistas. Prólogo á edición facsímile de *La Patria Gallega* (15-7-1891) e do *Boletín de la Real Academia Gallega* (20-11-1906)”, *Día das Letras Galegas*, Santiago de Compostela, Departamento de Filoloxía Galega da Universidade, 2000.
- AZÚA, FÉLIX DE: “El mito de la Andalucía romántica”, *El aprendizaje de la decepción*, (selección de J. A. González Sáinz), Barcelona, Anagrama, 1996 (1a ed. Separata, 1981).
- BARREIRO FERNÁNDEZ, XOSÉ RAMÓN: “Luces e sombras dunha vida”, em “Murguía, o patriarca. Suplemento Especial Día das Letras Galegas”, *La Voz de Galicia*, 14/V/2000, p. 3.
- BONDUE, NICOLE: *El granito y las luces. Relaciones entre las literaturas gallega y francesa en la época contemporánea*, vol. I, Vigo, Edicións Xerais, 1987.
- CARRÉ ALVARELLOS, LOIS: *Romanceiro Popular Galego de Tradición Oral*, Porto, Junta de Provincia do Douro Litoral. Comissão de Etnografía e História, XVII, 1959.
- [187] CATALAN, DIEGO *et alii*: *Teoría General y Metodología del Romancero Pan-Hispánico. Catálogo General Descriptivo*, 1.A, Madrid, Seminario Menéndez Pidal, 1984.
- CID, JESÚS ANTONIO: “Nacionalismo y poesía popular. Manuel Murguía y la invención de un Romancero gallego apócrifo”, artículo inédito.
- DURÁN, JOSE ANTONIO: *Crónicas, I. Entre el anarquismo agrario y el librepensamiento*, Madrid, Akal, 1977.
- DURÁN, JOSÉ ANTONIO: “Murguía versus Castelar (con Paz Novoa ó fondo)”, *Conflictos e tenruras de Manuel Murguía*, Madrid, Taller de edicións de J. A. Durán, 1999.
- FORNEIRO PÉREZ, JOSÉ LUÍS: “José Pérez Ballesteros e o Romanceiro Tradicional Galego”, em *Cinguidos por unha arela común. Homenaxe a Xesús Alonso Montero*, Santiago de Compostela, Dpto. de Filoloxía Galega da Universidade de Santiago, 1999.
- FORNEIRO, JOSÉ LUÍS: *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun, Sendoa, 2000.

- FORTES, ANA BELÉN: “O proxecto de creación dunha literatura galega en Murguía”, em *Volver a Manuel Murguía*, “A Nosa Cultura 19”, Vigo, A Nosa Terra, 1998.
- FORTES, BELÉN: *Manuel Murguía e a cultura galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, 2000.
- G[ONZÁLEZ] BERAMENDI, JUSTO: *Vicente Risco no nacionalismo galego. I Das orixes á afirmación plena*, vol I, Santiago de Compostela, Edicións do Cerne, 1981.
- G[ONZÁLEZ] BERAMENDI, XUSTO: *Manuel Murguía*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2000<sup>2</sup>.
- JUARISTI, JON: *El bosque originario*, Madrid, Taurus, 2000.
- MACIÑEIRA, FEDERICO: *San Andrés de Teixido. Historia, leyendas y tradiciones*, Corunha, Roel, [1922] *apud* Cid, Jesús Antonio.
- MÁIZ, RAMÓN: “La construcción teórica de Galicia como nación en el pensamiento de Manuel Murguía”, *Estudios de Historia Social*, núms. 28-29, 1984.
- MENÉNDEZ PIDAL, RAMÓN: *Romancero Hispánico*, vol. I, Madrid, Espasa Calpe, 1968<sup>2</sup>.
- MILÀ I FONTANALS, MANUEL: “De la poesía popular gallega”, *Romania*, nº 6, 1877.
- MURGUÍA, MANUEL: *Historia de Galicia*, vol. I, Lugo, 1865.
- [188]** MURGUÍA, MANUEL: “La leyenda en Galicia”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 2, 20/IV/1879, p. 125.
- MURGUÍA, MANUEL: “Poesía popular gallega”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 2, 18/I/1881, p. 17.
- MURGUÍA, MANUEL: “El Folk-lore gallego”, *La Ilustración Gallega y Asturiana*, nº 30, t. III, 28/X/1881, pp. 352-353.
- MURGUÍA, MANUEL: *Historia de Galicia*, t. I, Corunha, Librería Eugenio Carré, 1901<sup>2</sup>.
- MURGUÍA, MANUEL: *Los trovadores gallegos*, Corunha, Imprenta Ferrer, 1905.
- POSTIC, FAÑCH: “Le Beau ou le Vrai ou la difficile naissance en Bretagne et en France d’une science nouvelle: la littérature orale (1886-1868)”, *Estudos de Literatura Oral*, nº 3, Universidade do Algarve, 1997, pp. 97-124.
- RISCO, VICENTE: “Etnografía. Cultura Espiritual”, em *Historia de Galiza*, (dirigida por Otero Pedrayo), Buenos Aires, Ed. Nós, 1962.
- RODRIGUEZ CAMPOS, JOAQUÍN: “Institución e identidade cultural na etnografía galega decimonónica”, em *Actas do Simposio Internacional de Antropoloxía. Identidade e territorio. Centenario Otero Pedrayo*, Corunha, Consello da Cultura Galega, 1990.
- SAID ARMESTO, VÍCTOR: *Poesía Popular Gallega*, Corunha, Fundación “Pedro Barrié de la Maza”, 1998.
- STEFANO, GIUSEPPE DI: *El romancero*, Madrid, Narcea, 1979<sup>2</sup>.
- STEINGRESS, GERHARD: “El cante flamenco como manifestación artística, instrumento ideológico y elemento de la identidad cultural andaluza”, em *Flamenco y nacionalismo. Aportaciones para una sociología política del flamenco*, (eds. Gerhard Steingesse e Enrique Baltanás), Sevilla, Fundación Machado-Universidad de Sevilla-Fundación El Monte, 1998, pp. 21-41.
- VERITAS (José de la Hermida): “El regionalismo y el nacionalismo en Galicia”, *El Motín*, Madrid, nº 8, 25/II/1909 *apud* José Antonio Durán.
- VILLARES, RAMÓN: “Historiador nacional de Galica”, em “Murguía, o patriarca. Suplemento Especial Día das Letras Galegas”, *La Voz de Galicia*, 14/V/2000, p.8.